

Cuba e a Reinserção Internacional no Século 21: em Busca de Novos Parceiros

Marcos Antonio da Silva¹
Guillermo A. Johnson²

Resumo:

O presente artigo discute a reinserção internacional na primeira década do século 21 e a diversificação de suas relações econômicas. Para tanto, discute os efeitos da queda do bloco soviético revelando que, além da profunda crise interna, o país enfrentou um duplo desafio: reconstruir seu sistema de relações internacionais e superar o isolamento político. Nesse contexto, destaca que a reinserção teve como base uma redefinição do interesse nacional que possibilitou a diversificação dos parceiros econômicos e a recuperação, ainda que incompleta, de sua economia e a manutenção parcial das conquistas revolucionárias.

Palavras-chave: Política externa. Cuba. Novos parceiros.

CUBA AND INTERNATIONAL REINTEGRATION IN THE 21ST CENTURY: Seeking New Partners

Abstract:

This paper discusses the international reintegration in the first decade of this century and the diversification of their economic relations. Therefore, discusses the effects of the fall of the Soviet bloc, demonstrating that, in addition to deep internal crisis, the country faced a double challenge: to rebuild its system of international relations and overcome political isolation. To do so, we point out that this rehabilitation was based on a redefinition of national interests allowing the diversification of economic partners and recovery, although incomplete, its economy and the partial support of revolutionary conquests.

Keywords: Foreign Policy. Cuba. New partners.

¹ Professor de Ciência Política do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Membro do LIAL (Laboratório Interdisciplinar de Estudos sobre América Latina).

² Professor de Ciência Política do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Coordenador do LIAL (Laboratório Interdisciplinar de Estudos sobre América Latina).

Durante três décadas Cuba estabeleceu uma relação intensa (e privilegiada) com a URSS. Inserida no contexto da guerra fria, tal relação propiciava ao país o apoio econômico e político para o desenvolvimento dos ideais de seu processo revolucionário. Desta forma, grande parte da economia e atuação internacional de Cuba sustentava-se nos acordos e recursos oriundos do bloco soviético.

O final do século 20, no entanto, propiciou a Cuba, e a todos os que se interessam pelas relações internacionais, uma mudança inesperada: a queda do bloco soviético e, conseqüentemente, o fim da guerra fria. Tal fato marcou o final daquele século e a emergência de uma nova ordem internacional que, como se percebe nos dias atuais, ainda está longe de encontrar uma definição precisa e uma estabilidade razoável. Nos anos 90, porém, tal ordem parecia trazer para Cuba desafios homéricos, pois era marcada pela emergência de uma suposta unipolaridade (e suas variações) e pela afirmação eufórica (e equivocada) do predomínio dos princípios liberais, o suposto fim da História, que desafiavam os ideais do regime revolucionário do país.

Para Cuba, a década de 90 mostrou-se problemática e desafiadora. Grande parte da construção econômica e política do país, depois de 1959, organizou-se com base na guerra fria e a consolidação da revolução e o desenvolvimento de uma política externa que atendesse a este objetivo principal só foram possíveis devido ao apoio soviético, nas esferas econômica e militar, ainda que somente hoje possamos analisar seu custo. Tal apoio fez com que esta política tornasse o país um ator relevante no cenário internacional e desenvolvesse um papel ativo nos conflitos da África e da América Latina, entre os anos de 60 e 80. Como tudo o que é sólido se desmancha no ar, no entanto, o país enfrentou sua mais séria crise com as mudanças que transformaram o socialismo no Leste Europeu, destacadamente de seu principal parceiro.

Desse modo, Cuba perdeu o principal aliado econômico e militar. Além disto, viu nascer uma ordem internacional hegemônica pelo seu principal oponente, que se tornou, nos anos 90, a única superpotência mundial, mantendo

uma política de isolamento e embargo ao país, para provocar a queda do regime cubano e desenvolvendo uma hegemonia que adquiriu cada vez mais contornos imperiais.

Diante disto, o país encontrou-se mais indefeso e isolado, desde que se iniciou o processo de construção do socialismo, nos anos 60, e diante da ausência de uma comunidade sólida com quem pudesse estabelecer laços, teve de enfrentar um duplo desafio. Por um lado, o país precisou enfrentar a mais grave crise econômica de sua história associada ao questionamento de seu regime político, depois da crise dos referenciais políticos que orientaram a construção de sua estrutura socialista; e, por outro, o crescente isolamento e a dificuldade de se inserir na nova ordem internacional.

Para enfrentar este duplo desafio a liderança cubana precisou conduzir um processo de reformas econômicas e políticas que garantisse a sobrevivência econômica do país e a manutenção do poder político. Para tanto, o país redimensionou seu comércio exterior e, principalmente, redimensionou sua economia interna com o desenvolvimento de novos setores e fontes de recursos, como o turismo, a mineração e a liberação de envio de remessas, como executou reformas em suas empresas e na ação estatal que possibilitassem maior dinâmica e produtividade nestes setores. Desta forma, por meio de um processo lento, difícil e titubeante, Cuba conseguiu recuperar parte da capacidade econômica perdida com o fim dos seus laços com o Leste Europeu e ainda manter, em grande parte, os ideais revolucionários.

Tais reformas internas impactaram a política externa do país e só se tornaram eficazes devido à reorientação desta. Neste sentido, as reformas ocorridas ao longo da década conduziram a nação a um reordenamento de sua inserção internacional, com a redefinição de suas relações bilaterais e multilaterais. A sobrevivência almejada só foi alcançada devido às transformações políticas e econômicas, dos laços externos e à capacidade do país de se adaptar à nova ordem internacional. O objetivo principal, a sobrevivência, foi alcançado. Isto não sig-

nifica, no entanto, que foram eliminados completamente as tensões e os desafios da combinação entre os ideais revolucionários e cubanos à necessidade de se inserir numa realidade mais complexa e desafiadora, a nova ordem global.

Este trabalho procura analisar a construção de novas parcerias como elemento fundamental da política, interna e externa do país, nesta primeira década do século 21. Para tanto destaca que Cuba realiza uma globalização de contornos difusos, fundamentada num processo de mudanças internas e reorientação econômica cujo desenvolvimento propiciará, em maior ou menor medida, seu êxito ou fracasso no sistema internacional. Desta forma, procuramos apontar, ainda que sucintamente, os contornos e os impactos da principal crise econômica e política do país. Em seguida, explicitamos os resultados da diversificação econômica, considerando o comércio exterior e a emergência de novas parcerias. Finalmente, salientamos que tal diversificação, ainda em curso, acusa um relativo sucesso da estratégia adotada por sua liderança, embora permaneçam grandes desafios internos e externos.

Cuba e Fim do Socialismo Real: Desestruturação Econômica e Isolamento Político

O fim do bloco soviético atingiu profundamente Cuba, devido aos intensos laços que foram gestados entre o país e a comunidade socialista desde a Revolução Cubana em 1959. Tais laços profundos haviam determinados grande parte da organização econômica, política e social do país (Ayerbe, 2004; Sader, 2001; Bandeira, 1998; Riverend, 1990; Coggiola, 1998).

O rompimento, involuntário e inesperado, trouxe um duplo impacto de grande magnitude. No plano interno, conduziu o país a sua mais grave crise econômica e social, desde o advento da Revolução e, talvez, de toda a sua história, como aponta o cenário exemplificado a seguir. Tal crise, no entanto, apenas revelava outro desafio. O rompimento das relações comerciais e diplomáticas com antigos aliados conduziu o país a certo isolamento econômico e político no cenário internacional que, de imediato, obrigava sua liderança a reformular

todo o sistema de relações internacionais (econômicas e políticas), seja para solucionar os efeitos da crise interna, seja para a reinserção numa nova ordem que, em grande medida, mostrava-se adversa aos ideais revolucionários que a ilha caribenha procurava representar e estimular.

No plano interno, o país enfrentou uma profunda crise econômica e social, iniciando uma nova etapa na sua história, denominada oficialmente de “Período Especial em Tempos de Paz”. Tal crise atingiu todos os setores do país, afetando a produção e o intercâmbio comercial, além de atingir o plano social.

Para que se compreenda a profundidade de tal crise, basta considerarmos alguns indicadores. A interrupção dos laços com os países socialistas representou um duro golpe na economia cubana. O PIB cubano encolheu entre 40% e 50% no período, ou seja, o país sofreu uma redução de sua economia reduziu-se pela metade (Almendra, 1998; Mesa-Lago, 1998; Cepal, 2000).³ Outro indicador significativo refere-se ao encolhimento do comércio externo cubano que, como afirmamos anteriormente, era altamente concentrado e dependente do mercado socialista. As exportações cubanas caíram de um total de US\$ 5,4 bilhões em 1989 para apenas US\$ 1,10 bilhão em 1993, prejudicando o investimento e o gasto público, provocando uma deterioração da produção e dos serviços.⁴ Da mesma forma, as importações decresceram de US\$ 8,1 bilhões, em 1989, para cerca de US\$ 2 bilhões em 1993, o que significa uma redução de quase 70%, afetando diretamente o consumo e a produção, reduzindo o mercado interno cubano na mesma medida (Almendra, 1998; Mesa-Lago, 1998, Cepal, 2000).⁵

³ Como aponta Mesa-Lago (1998), a crise obrigou o fechamento de 70% das indústrias, do maior complexo niquelero e de 90% dos transportes de Havana e outras cidades; e a volta de tropas cubanas da África e outros lugares, assim como do pessoal civil.

⁴ Conforme a Cepal: “La magnitud del shock económico ha sido comparable al registrado en Europa Oriental o en la antigua Unión Soviética, aunque sus características específicas difieran substancialmente” (2000, p. 16).

⁵ Como afirma Almendra: “Depois do fim dos subsídios soviéticos, Cuba esteve muito próxima do colapso econômico em 1992 e 1993. [...] desapareceram mercadorias como soda cáustica – para fabricar sabão, madeira, determinados tipos de gêneros alimentícios, fertilizantes e outros insumos agrícolas” (1998, p. 148).

O caso emblemático relaciona-se ao produto que, simbolicamente, sintetiza grande parte da história cubana, o açúcar. Como principal produto da ilha, este representava a base da produção e o melhor dos recursos cubanos foi concentrado no setor e era responsável por 80% do valor das exportações do país; além disto, os laços com a URSS haviam mantido o açúcar como o principal produto da pauta de exportações do país, desestimulando a diversificação das atividades produtivas. A produção de açúcar teve uma queda de 50%, caindo de 7 milhões de toneladas produzidas em 1992 para cerca de 3,5 milhões em 1994. Tal tendência se manteve ao longo da década, fazendo com que o país abandonasse sua posição no mercado internacional do produto (López Segrera, 1995; Almendra, 1998).

Finalmente, tal crise estendeu-se para toda a sociedade, atingindo todas as áreas. Mesmo as que representavam os avanços sociais obtidos com a Revolução (saúde, educação, cultura, lazer, arte, esporte...) sofreram com a falta de capital, materiais e outros recursos, ainda que a liderança cubana tenha se esforçado para a manutenção do investimento social. Como afirmamos, Cuba vivenciou uma crise econômica e social de enorme proporção, que colocou em dúvida a própria capacidade de sobrevivência do país,⁶ como revela o informe apresentado por Fidel Castro ao V Congresso do PCC, em 1997, relatando as dificuldades do início da década. Segundo ele:

la agricultura se queda sin el combustible necesario para un mínimo de actividades, sin fertilizantes, sin pesticidas ni herbicidas, sin piezas de repuesto... No se podría mantener la producción alimentaria... La industria mecánica se quedó sin aceros, sin motores, sin los cambios de productos que necesita para su trabajo... La industria ligera se quedó sin algodón, sin infinidad de materiales que necesitaba para la producción de telas... La prensa sin papel... El transporte se quedó sin piezas, sin motores y les pasó lo mismo a las locomotoras y a los servicios de transporte ferroviario; empezamos a tener problemas con el transporte naval. (...) Además, la situación afecto a la educación, que quedó sin libros, a la industria de materiales de construcción,

⁶ Para se ter uma ideia da situação no cotidiano dos cubanos ver, entre outros, o relato *Cuba 1992: o ano mais duro da revolução de Marta Rojas*, Arte e Cultura, 1993.

sin cementos y otras materias primas, a la industria de medicamentos y los medios necesarios para la atención higiénica, la limpieza de hospitales, la reparación y el mantenimiento de los equipos (Castro, 1997).

Para além dos efeitos internos, no entanto, o fim do bloco soviético trouxe outro importante desafio: a configuração de uma nova ordem internacional, hegemônica pelos EUA, provocando uma intensificação do embargo econômico e um crescente questionamento de seu modelo político e econômico.

O fim da guerra fria e a afirmação de tal hegemonia foram celebrados, de maneira ufanista, como o advento do liberalismo como modelo universal e a pretensão de que estaríamos presenciando o “Fim da História”, no sentido político-ideológico, tal como preconizado na obra de Fukuyama (1992), instaurando uma “nova era de paz e prosperidade” (que logo se revelou ser uma falácia). Além disto, a “nova ordem mundial” que emergia parecia determinada por um único polo de poder mundial, os EUA, resultando no debate sobre o grau de autonomia do país para realizar qualquer ação em âmbito mundial, sintetizada na contraposição entre a perspectiva unilateral ou multilateral, resultando na noção de unimultipolaridade desenvolvida por Joseph Nye (2002) que, em linhas gerais, afirmava a hegemonia estadunidense nas relações internacionais, ainda que não o suficiente para resolver todos os problemas.

Sendo assim, a “nova ordem mundial” tornou mais intensas as pressões sobre o país e atingiu a Revolução Cubana em diferentes aspectos. Em primeiro lugar, possibilitou o reforço do embargo econômico americano, intensificado em dois atos que procuravam sufocar economicamente o regime e incentivar mudanças internas. O primeiro, a Lei Torriceli de 1992, ampliava a proibição das companhias estadunidenses (e suas subsidiárias no exterior) de realizar negócios com Cuba; proibia os barcos que passam pelos portos cubanos de realizar transações nos EUA e autorizava o presidente do país a aplicar sanções aos governos que promovessem qualquer tipo de assistência a Cuba. O segundo, o “Cuban Liberty Act” conhecido como Lei Helms-Burton, sancionado em 1996, ampliava o bloqueio econômico permitindo sanções contra as instituições internacionais e países que negociassem com a ilha. Desta forma, sem os limites

da guerra fria, ocorre uma radicalização da postura estadunidense com o intuito de sufocar economicamente a já cambaleante economia cubana, e promover mudanças no regime (Coggiola, 1998; Dominguez, 1998; Gómes, 2003; Morales Dominguez, 2004).

Associadas às limitações econômicas, impulsionada pelo embargo e a legislação estadunidense, a “nova ordem” contribuiu para o questionamento da legitimidade do regime cubano (de sua natureza e atuação em diversas áreas) e ao isolamento, ainda que parcial, do país. Desta forma, tal isolamento apresentava novos contornos, diferenciando-se das décadas anteriores, fundamentados num viés ideológico e político-diplomático, que era resultado da política cubana de apoio e promoção de revoluções, principalmente no terceiro mundo. A novidade é de que, apesar do evidente contorno ideológico, o questionamento volta-se para áreas como a (suposta) ausência de democracia interna e a temática dos direitos humanos.⁷ Tal isolamento, associado às limitações da estrutura produtiva do país, potencializou os desafios e representou a mais séria ameaça à Revolução, desde sua emergência (López Segrera, 1995; Bandeira, 1996; Cepal, 2000).

Isolamento ou Inserção: a Redefinição do Setor Externo Cubano nos Anos 90

Devido ao colapso do bloco soviético duas estratégias predominaram na política cubana nos anos 90: a sobrevivência e a reinserção internacional. Tais estratégias orientaram a política interna e externa do país nos anos 90 e geraram um processo de reestruturação econômica e política no âmbito doméstico, alterando relativamente sua estrutura social e, principalmente, determinaram uma redefinição da inserção internacional do país, buscando novas parcerias para

⁷ Mesmo assim, como aponta Salazar (1997): “...La diplomacia cubana, junto con las organizaciones no gubernamentales del país que han participado en las mismas, han logrado la aprobación de resoluciones y acuerdo que, con una u otra redacción, de manera mas o menos explícita, ratifican el principio de autodeterminación del pueblo cubano, al par que condenan el bloqueo económico norte-americano o instan al gobierno de los EUA a suspender las medidas coercitivas que aplican extraterritorialmente a su amparo” (p. 148).

abastecer as necessidades da ilha e novos mercados para a venda dos produtos cubanos. Este processo, apesar de complexo, ambíguo e, certamente, marcado por avanços e recuos, foi parcialmente eficaz.

Com o fim do intercâmbio seguro com os países socialistas, Cuba teve de reorientar seu setor externo de modo a, considerando a prioridade fundamental que era a sobrevivência, garantir recursos para que isto pudesse ocorrer. Os desafios que se colocavam estavam relacionados à necessidade de acesso a capitais, para dinamizar sua economia, e a mercados para inserir seus produtos e adquirir os bens necessários à recuperação, integrando-se ao mercado global.⁸

A política exterior de Cuba, desde a afirmação da Revolução Cubana, impulsionou a projeção externa do país (Pisani, 2002; Salazar, 2000; Alzugaray Treto, 2003; Ayerbe, 2011). Desde então, em consonância com os ideais revolucionários, alguns traços a caracterizaram. Em primeiro lugar, uma visão globalista que implicava uma presença ativa e um protagonismo na esfera internacional que procurava “exportar a revolução” com um forte nacionalismo, marcado pelo enfrentamento do poder hegemônico e do bloqueio americano. Em segundo, que a formulação e a efetivação de tal política eram desenvolvidas por um ator racional unificado que, devido ao sistema político centralizado, tinha à frente o Ministério de Relações Exteriores (Minrex). Terceiro, diante do exposto, tal política propiciou o desenvolvimento e capital acumulado com alto nível de profissionalismo e de experiência diplomática cubana. Isto permitiu que, como aponta Serbin (2011):

Los tres elementos contribuyen para que, a partir de las dificultades impuestas por la desaparición de la Unión Soviética y por el “período especial” consiguiente, Cuba persistiera en la actual etapa, pese a las presiones de los Estados Unidos, en el hábil y pragmático manejo de un espectro muy amplio de vínculos y relaciones internacionales, tanto en ámbitos multilaterales como

⁸ Como destaca o ex-embaixador cubano no Brasil, tal estratégia de inserção do setor externo do país, na área econômica, é determinada por que “Cuba precisava e precisa de três elementos básicos (antes garantidos pela relação existente com a comunidade dos países socialistas): capital, mercados e tecnologia” (Sánchez-Parodi, 1998, p. 164).

a nivel bilateral, recomponiendo progresivamente un entramado de vínculos y de alianzas que permitiera la supervivencia de su sistema político sin el apoyo que previamente prestaban su relación con el bloque soviético y su pertenencia a la Came” (p. 234).

Para que isto fosse alcançado ocorreu conforme mostra, sob outra perspectiva, Alzugaray Treto (2003), uma *redefinição do interesse nacional cubano*. Tal interesse nacional havia sido orientado até então pela manutenção da segurança e o desenvolvimento do país, como apontamos anteriormente, ao analisar o processo de consolidação da Revolução, daí a importância fundamental da aliança com a URSS. Tal política, apesar de promover o rompimento do isolamento diplomático de contribuir para o estabelecimento de laços em todos os continentes, inclusive com países próximos aos EUA e garantir um papel ativo nas lutas do Terceiro Mundo, manteve o país vulnerável e dependente, o que se mostrou extremamente problemático com o fim da ordem em que foi gerado. Desse modo, o interesse nacional, definido no contexto da guerra fria, já não era possível e eficaz.

Sendo assim, Alzugaray Treto (2003) observa que ocorreu uma redefinição do interesse nacional. Considerando os fundamentos políticos e ideológicos que, segundo ele, propiciaram a sedimentação de um pensamento radical, progressista e emancipador em Cuba, cuja figura maior foi José Martí, que antecede e são apropriados pela Revolução Cubana e sua liderança, o autor define o interesse nacional ao longo da década de 90 da seguinte forma:

Mantener la independencia, soberanía, autodeterminación y seguridad de la nación cubana, su capacidad de darse un gobierno popular, democrático y participativo propio basado en sus tradiciones, con un sistema económico-social próspero y justo, y que, a su vez, le permita proteger su identidad cultural y sus valores socio-políticos y proyectarlos en la arena mundial con un nivel de protagonismo acorde a sus posibilidades reales como miembro efectivo de la sociedad internacional (Alzugaray Treto, 2003, p. 17).

Apesar do reconhecimento de que o conceito de interesse nacional é controverso e determinado historicamente, podemos destacar que a proposta do autor é interessante porque nos permite identificar de maneira mais clara, e em concordância com o pensamento da liderança cubana, a sua importância para a política externa do país ao longo desta década. É possível identificar claramente seus objetivos, apontando que o elemento determinante do interesse nacional redefinido foi

a tenor con su interés nacional, neutralizar y revertir la tradicional política norteamericana de reimplantar su hegemonía sobre la isla, sin hacer concesiones de principio en torno a la soberanía, la autodeterminación, el modelo socialista cubano y su política exterior (Alzugaray Treto, 2003, p. 21).

Ou seja, trata-se de afirmar os mecanismos internos de construção e consolidação do regime, assim como desenvolver uma política externa que contribua com tal objetivo, procurando superar os problemas impostos pelo conflito com os EUA e o questionamento de seu modelo político. Desta forma, como afirma Serbin (2011):

En función de estos lineamientos y objetivos de la política exterior cubana para la época fue necesario aprovechar la nueva coyuntura de la post-guerra fría, bajo impacto de la desaparición del bloque soviético, para buscar fortalecer y profundizar espacios de participación en el ámbito internacional y para impulsar el estrechamiento de vínculos con diversos organismos regionales y multilaterales, con el propósito de lograr una inserción más efectiva de Cuba en la dinámica mundial y para romper su eventual aislamiento, a la par promover y renovar, en el ámbito bilateral, el desarrollo de relaciones con nuevos aliados y socios estratégicos. En este marco, desde principios de la década del noventa, Cuba enfrentó el reto de romper con el aislamiento regional y de reinsertarse pragmáticamente en la economía internacional de un modo tal que sus nuevos socios e interlocutores no pusieran en cuestión la defensa y preservación de un modelo distintivo, conformado a lo largo de las décadas precedentes (p. 231).

Sendo assim, ocorreu um processo de redefinição de seus laços externos que, como aponta a Cepal (2000), pode ser compreendido a partir da análise das seguintes variáveis: o acesso a capitais, mediante a renegociação de suas dívidas, da abertura de créditos e o incremento do turismo; o desenvolvimento do comércio internacional, por meio das importações e exportações do país; e, finalmente, a integração, por intermédio de acordos bi e multilaterais, ligando a economia do país a outras nações e blocos comerciais.

O país tem conseguido superar o principal entrave para o acesso a créditos e ampliado os recursos disponíveis para a recuperação econômica. Os grandes fornecedores de empréstimos ao país foram o Japão, alguns países da União Europeia (Itália, Reino Unido, Bélgica, França e Espanha) e o Canadá. Como destaca a Cepal:

Con todo, se ha facilitado el acceso a financiamientos comerciales de mediano plazo (entre dos y cinco años), por lo que, en el período 1997-1999, se han obtenido prestamos por 500 millones de dólares, que se han utilizado en la compra de equipos para la agroindustria azucarera, la construcción de aeropuertos y el desarrollo de las comunicaciones (Cepal, 2000, p. 209).

A esta estratégia para a obtenção de capitais pode-se agregar outra relacionada a investimentos estrangeiros diretos. Neste sentido, ao longo da década de 90, o país alterou seus mecanismos legais com o desenvolvimento de inúmeras reformas que procuravam atrair os investimentos estrangeiros, desenvolvendo zonas francas e parques industriais, com um regime jurídico especial em questões tributárias, aduaneiras, trabalhistas e comerciais, que serviram para incrementar os investimentos e desenvolver o setor exportador do país.⁹

⁹ A principal destas medidas foi a Lei de Investimentos Estrangeiros, aprovada pela ANPP em 1995. Além disto, inúmeros decretos regulamentaram as atividades do setor, como o Decreto-Lei 165, e programas específicos, como o Programa Energético Nacional, foram criados para a atração de capital (Cepal, 2000, p. 221-224).

O resultado foi que, em 1999, haviam sido instituídas cerca de 362 empresas mistas, com destaques na área industrial (31%) e turística (18%), que permitiram um fluxo de recursos da ordem de US\$ 1, 4 bilhão no período de 1993-1998 (Cepal, 2000, p. 223). Tais empresas, além da captação de recursos, possibilitaram o aprofundamento de laços econômicos com os seus países de origem, destacando-se Espanha (82), Canadá (69), Itália (56), França (16), Reino Unido (13), México (13), Holanda (9), outros países da América Latina (62) e outros países – Ásia, África e Europa (42) (Cepal, 2000, anexo A.42). O que chama a atenção em primeiro lugar é o volume de tais investimentos considerando as dimensões da economia cubana.¹⁰ Tal iniciativa provocou uma transformação nos laços econômicos externos do país, em que se destaca a emergência da União Europeia como grande investidora no país e a posição de destaque ocupada pela Canadá e pela América Latina, com México à frente, no desenvolvimento de investimentos estrangeiros no país.

Um elemento essencial para a compreensão do perfil da inserção econômica de Cuba na década refere-se à análise do intercâmbio comercial, fornecida pelos dados relacionados à exportação e importação. A partir dos dados fornecidos pela Cepal (2000) podemos constatar que no final da década se destacavam as exportações cubanas, que de forma geral eram direcionadas para a Europa (cerca de 60%), Ásia (cerca de 12%), América, incluindo Canadá (cerca de 25%) e o restante para outras regiões. Em relação às importações, eram provenientes da Europa (cerca de 45%), América, incluindo Canadá (cerca de 40%) e o restante da Ásia, África e Oceania.

¹⁰ Neste sentido, ver o artigo “La inversión extranjera directa en Cuba como parte de las relaciones económicas internacionales”, de Yamel R. Barranco, que destaca: “A tales aspectos el Minvec definió que el camino a seguir sería: Promover, consolidar y fomentar el proceso de inversión extranjera en el país como una vía mediante la cual este pueda mejorar sucesivamente los índices de recuperación económica hasta el momento alcanzados, garantizando, asimismo, saltos cualitativos de desarrollo en los sectores de la economía en los que aun no se disponen de todos los recursos financieros, materiales y tecnológicos como para dar una respuesta efectiva a las necesidades actuales” (Ruiz Barranco, 2004, p. 4).

Apesar de já apontar para um aspecto fundamental, a reorientação do setor externo cubano e o estabelecimento de múltiplos parceiros rompendo com a tendência concentradora e dependente verificada em outros momentos de sua história, portanto mostrando sua eficácia, este quadro se torna mais relevante quando se analisa os grandes parceiros cubanos de maneira individualizada. É o que se pode perceber, considerando as importações e exportações, no seguinte quadro referente a 1998:

Quadro 1 – Comércio Externo Cubano (1998)

Importações	Volume	%	Exportações	Volume	%
Espanha	608.210	14.6	Rússia	385.150	26.7
Venezuela	385.570	9.3	Canadá	232.559	16.1
México	342.796	8.2	Espanha	134.646	9.4
China	336.496	8.0	China	89.005	6.2
Canadá	321.046	7.7	Holanda	76.073	5.3
França	318.381	7.6	França	50.049	3.5
Itália	253.203	6.1	México	45.099	3.2
Espanha	184.048	4.4	Japão	35.305	2.4
Rússia	134.881	3.2	Reino Unido	28.894	2.0
Argentina	108.827	2.6	Alemanha	21.929	1.5

Fonte: Cepal, 2000, anexos A. 33 e A. 34.

Como se pode observar, o quadro fornece indicadores relevantes para a compreensão da estratégia de diversificação econômica e a reinserção do país no mercado mundial. Em primeiro lugar, é visível a desconcentração de parceiros comerciais, ocorrendo uma substituição de sua importância quando se analisa uma ou outra área; ou seja, Venezuela, Itália e Argentina, que são parceiros importantes na importação, estão ausentes no segundo aspecto, cedendo lugar à Holanda, Japão e Reino Unido, que não apareciam no primeiro item.

Em segundo lugar, existe uma alternância do principal parceiro em cada área, destacando-se a Espanha em relação às importações e a Rússia nas exportações. Em seguida, como mostra o quadro, o país mantinha um forte intercâmbio

comercial com parceiros situados em continentes diferentes, estreitando os laços com Europa, Ásia e América Latina, algo bem diverso dos períodos anteriores da economia do país.

Finalmente, observa-se um incremento da importância dos países americanos, Canadá em particular, principalmente da América Latina que, por razões econômicas e políticas, apesar do desejo de fortalecimento dos laços por parte de determinadas lideranças, representavam uma parcela pequena no comércio externo do país, algo que se modificou ao longo da década (como indica o Quadro) e a manutenção de um processo de diversificação representado por Venezuela, México e Argentina na pauta de importações, e pelo México no que se refere às exportações.

Desta forma, podemos afirmar que a liderança cubana compreendeu bem a importância do fortalecimento dos laços estatais, e que a melhor forma de fazê-lo era incentivando o comércio bilateral.

Esta estratégia foi complementada pela inserção nos mecanismos de integração regional, quando possível, principalmente no contexto caribenho. Por isto, embora ainda sem o direito de participar ativamente na Organização dos Estados Americanos (OEA), Cuba tornou-se membro fundador da Associação de Estados do Caribe (AEC), com plenos direitos da Aladi. Participou de todas as reuniões de Cúpulas Ibero-Americanas, manteve estreitos contatos com o Caricom, tentou uma maior aproximação com o Mercosul e a Comunidade Andina de Nações (CAN) e esteve presente em outros fóruns multilaterais da região. De outra parte, a ilha apareceu como um espaço de novas oportunidades para o setor privado e as empresas estatais de México, Brasil, Argentina e Venezuela.

Desta forma, já no início dos anos 90 o país acabou se integrando à Organização de Turismo do Caribe, algo que almejava desde os anos 80 e que não havia sido alcançado devido aos conflitos com o governo de Granada. A grande iniciativa no âmbito econômico, porém, foi a incorporação à AEC, em julho de 1994, que envolve os países do Caribe, Venezuela, México, Colômbia e os países da América Central, possibilitando a integração econômica e a

intensificação do comércio. Neste sentido, como aponta Domínguez (2003), o comércio cubano com os países da região alcançou, ainda em 1992, mais de US\$ 100 milhões, crescendo durante a década de maneira intensa. Segundo Nuñez (1994), tal aproximação e reinserção de Cuba na região, que teve início ainda no final dos anos 80, e aumentou com a participação cubana no Caricom,¹¹ possibilitou a sua integração com os grupos empresariais da região, a partir de objetivos claramente definidos: biotecnologia, agricultura açucareira, agropecuária, pesca, intercâmbio cultural, energia atômica e, principalmente, incremento do turismo. Desta forma, a integração econômica tem propiciado à liderança cubana o alcance de dois objetivos: por um lado, contribui para a recuperação econômica do país e, por outro, colabora para a superação do isolamento político, fortalecendo laços que, por diversas razões, foram tradicionalmente pobres ao longo do ciclo revolucionário.¹²

Em suma, como também destaca Domínguez, apesar do impacto profundo que representou o fim dos laços com os países socialistas, que reduz brutalmente o setor externo cubano, este apresenta uma tendência à recomposição, embora sem recuperar os valores artificiais do período anterior. Mesmo assim, segundo ele, impressiona a diversificação das relações econômicas internacionais de Cuba no final da década de 90, conforme o Quadro a seguir (Domínguez, 2003), confirmando as indicações anteriores:

¹¹ Se a aproximação parece ocorrer e se tornar viável no campo econômico, no aspecto político dois elementos parecem dificultar a mesma: por um lado, a percepção, residual mas ainda existente, de que Cuba seria um fator de instabilidade na região devido ao seu sistema político e as relações conflituosas com os EUA; e por outro lado, a sensação de que se o país ingressar numa transição capitalista certamente ocuparia o primeiro lugar na captação de investimentos estrangeiros, leia-se norte-americanos (Nuñez, 1994, p. 25).

¹² Como aponta Domínguez (2004), “Cuba ha logrado que los miembros del Caricom se opongan a las políticas de EUA hacia Cuba. (...) La firma del acuerdo se había demorado porque Cuba planteaba objeciones a las referencias a los derechos humanos y la democracia; al final, el Caricom cedió basándose en que esa clase de referencias no existían en acuerdos similares que se habían alcanzado con otros países latinoamericanos” (Domínguez, 2004, p. 269).

Quadro 2 – Indicadores do Setor Externo Cubano

Transações	Primeiro sócio	%	Segundo sócio	%
Exportações	Rússia	23	Holanda	13
Importações	Espanha	18	Venezuela	13
Turismo	Canadá	17	Alemanha	11
Dívida	Japão	19	Argentina	14
Investimentos	Espanha	23	Canadá	19

Fonte: Domínguez, 2003, p. 455.

Novamente, alguns indicadores podem ser destacados, dentro dos marcos da política externa do país, mesmo considerando que os valores não correspondiam ao final dos anos 80. Houve aumento considerável das exportações para Canadá e Holanda e, inversamente, aumentaram-se as importações de Canadá, México, Venezuela, Espanha, França e Itália. Ocorreu, porém, um aumento do déficit comercial com estes países, aumentando, por conseguinte, a dívida cubana com os mesmos.

Além disto, deve-se destacar a importância econômica assumida por três países americanos: Canadá, nos setores de turismo e inversão; Argentina, na gestão da dívida cubana, e Venezuela, em importações. Cabe ressaltar ainda, conforme o autor, o caso do México, que é o sexto em importações e o sétimo país mais importante em relação ao turismo e à gestão da dívida.

Finalmente, esta diversificação econômica se explica por fatores específicos de cada atividade, bem como pela estratégia geral adotada pela liderança cubana no sentido de evitar a excessiva dependência de um só país, privilegiando sócios múltiplos. Isto significa a proliferação de sócios múltiplos como instrumento de proteção e defesa dos interesses da liderança do país, que se constitui numa das inovações mais importantes do pós-guerra fria. Como observa Domínguez (2004):

En resumen, la evolución del comercio internacional de Cuba muestra el impacto del desplome económico y la pérdida de las subvenciones soviéticas. Cuba diversificó sus socios comerciales de forma considerable, especialmente en lo relativo a la importación de bienes. En líneas generales, las relaciones co-

merciais cubanas con diversos países de la Unión Europea, Canadá, México y China parecían sólidas y firmes. Rusia seguía siendo el principal mercado de exportación, y por ello una fuente potencial de inestabilidad. En particular, las relaciones comerciales con Canadá, Francia, Itália, España y México constituían una réplica a Estados Unidos (Domínguez, 2004, p. 283).

Isto não significa a inexistência de tensões e conflitos gerados por este processo. Pelo contrário, a sua continuidade e eficácia dependem em grande medida da superação de problemas econômicos e políticos que se tornaram mais evidentes. Em relação aos primeiros, como sugere a Cepal (2000), persistem problemas relacionados ao equilíbrio fiscal, à utilização de tecnologias obsoletas e ineficiência econômica, aos desequilíbrios existentes em alguns setores, como o agrícola e alimentar, e, principalmente, à necessidade de desenvolver nichos exportadores mais dinâmicos, entre outros. Já em relação ao segundo, como analisaremos a seguir, as tensões políticas, geradas agora pelas críticas a determinados aspectos do regime cubano, muitas vezes impedem o aprofundamento de laços econômicos, ou seja, a liderança cubana tem sacrificado a ampliação de parcerias diante de críticas descartando os laços, às vezes históricos, com alguns países.¹³

A Redefinição do Setor Externo Cubano na Primeira Década do Século 21: a Diversificação de Parcerias

Na primeira década do século 21, Cuba tem desenvolvido e aprimorado a política iniciada nos anos 90. Desta forma, tal política tem respondido aos dois desafios fundamentais: um de ordem interna, a recuperação econômica, e outro internacional, a reinserção no mundo globalizado. Para tanto, o país continuou

¹³ Neste sentido, é interessante perceber a oscilação, entre boas e más relações, de Cuba com países da União Europeia, Espanha principalmente, o Canadá e o México, entre outros. Neste último caso, ocorreu o rompimento de relações na primeira década deste século.

a trajetória, embora errante, de crescimento econômico e modernização para responder à demanda interna alicerçado no desenvolvimento de laços econômicos que impulsionaram sua balança comercial.

Nesse período, um elemento fundamental foi a transição de poder iniciada em Cuba, com a substituição da liderança histórica de Fidel Castro por seu irmão, Raul, em 2008. Tal transição combina elementos de continuidade e rupturas que, em grande medida, procuram responder aos desafios interno e externo, como apontamos anteriormente. Desta forma, como demonstra Alzugaray Treto (2007):

Cuba iniciou o século XXI sujeita a um importante reajuste de seu sistema político, devido à doença de Fidel Castro e à transferência constitucional dos seus poderes a Raúl Castro, que se encarregou de afirmar que não reproduzirá exactamente a forma de dirigir e governar de seu predecessor. Ao mesmo tempo, tanto Raúl Castro como os líderes políticos, militares e econômicos concordam com o conselho básico articulado e defendido por Fidel Castro: independência e soberania nacionais não só perante os Estados Unidos, mas também perante outros actores internacionais; manutenção do sistema econômico-social fundamentalmente socialista com uma forte defesa das conquistas sociais; estruturação de um governo próprio, participativo e democrático alheio aos vícios presentes em sistemas de outras latitudes; e uma economia diversificada e vinculada a diferentes parceiros comerciais e financeiros (p. 101).

Sendo assim, tem início um período de “atualização” do sistema, tendo como pano de fundo as demandas sociais e econômicas e a necessidade de recomposição das relações internas. Tal processo afeta diretamente a política externa cubana, pois como argumenta Serbin (2011):

Este nuevo factor se articula con un creciente pragmatismo de la política exterior cubana, particularmente a partir del reemplazo de Fidel por Raúl Castro en el gobierno, que se caracteriza por renovar y adoptar nuevos compromisos internacionales en el marco de una estrategia de diversificación de las relaciones externas de la isla para asegurar mejor la supervivencia económica del país, sin poner en riesgo el modelo político existente (p. 233).

Embora reconhecendo que tal estratégia de diversificação de parceiros possui diversas dimensões (política, diplomática, ideológica...) que fogem ao objetivo deste texto, pudemos percebê-la e analisá-la no âmbito das relações econômicas, considerando o intercâmbio comercial.

Neste caso, uma primeira observação revela a recuperação econômica no aumento dos volumes de importação e exportação. Tal recuperação, mesmo considerando o cenário internacional de crescimento que predominou até a crise de 2008 que deve ser combinada aos processos de liberalização internos, pode ser constatada no seguinte quadro:

Quadro 3 – Intercâmbio de Mercadorias (milhões de U\$)

Ano	Importações	Exportações	Total
2000	1.676,2	4.843,3	6.519,5
2001	1.622,0	4.851,3	6.473,3
2002	1.421,7	4.188,1	5.609,8
2003	1.688,0	4.672,8	6.360,8
2004	2.332,1	5.615,2	7.947,3
2005	2.159,4	7.604,3	9.763,7
2006	2.924,6	9.497,9	12.422,5
2007	3.685,7	10.079,2	13.764,9
2008	3.664,2	14.234,1	17.898,3
2009	2.863,0	8.906,0	11.769,0
2010	4.597,7	10.646,8	15.244,5

Fonte: ONE, Anuário Estadístico de Cuba, 2010.

Como podemos observar, entre 2000 e 2010, o intercâmbio comercial cubano praticamente triplicou, aumentando de US\$ 6,5 milhões para cerca de US\$ 15,2 milhões. Tal dado é revelador da recuperação econômica do país, porém deve-se levar em consideração a necessidade de analisar o perfil das importações¹⁴ e exportações para que se trace um quadro mais amplo da

¹⁴ Neste caso, como afirma Mesa-Lago (2009): “La distribución porcentual de las importaciones muestra cambios menores. Disminuyó la participación de los alimentos y grasas en un 23% entre 1958 y 2007 pero aumentó un 23% durante el Período Especial debido al desplome de la producción agropecuaria; en el 2008 Cuba importó un 84% de los alimentos de la canasta básica a un costo de US\$2.500 millones. La importación de manufacturas cayó un 16% en el período

condição econômica do país. Neste sentido, como destaca Mesa-Lago (2009), as importações, em 2008, referiam-se a alimentos da cesta básica, a produtos manufaturados e a combustíveis, mesmo considerando o preço preferencial fornecido do petróleo venezuelano. Em relação às exportações, observa-se uma maior diversificação e uma mudança substancial que começa nos anos 90 e se estende a esta primeira década do século 21, com a superação, não intencional, da dependência do açúcar e a manutenção de um padrão concentrado em produtos primários (níquel, tabaco, frutas e pescado), cimento, da indústria farmacêutica e nos serviços.¹⁵

Tais dados podem ser complementados pela análise dos parceiros comerciais que, segundo os dados oficiais, desenvolveram-se da seguinte forma na primeira década do século 21:

pero creció un 43% después de 1989 debido al proceso de desindustrialización (la participación de la industria en el PIB disminuyó del 28% al 15% entre 1989 y 2008). La participación de la maquinaria y el equipo de transporte fue virtualmente igual. Por el contrario, la participación de los combustibles subió un 18% entre 1958 y el 2007, pero posteriormente disminuyó un 25%; especialmente después del 2003 cuando Venezuela se convirtió en el suministrador principal de petróleo, exportándolo al precio preferencial de US\$27 el barril frente al *cenit* de US\$147 alcanzado en el 2008” (p. 50).

¹⁵ Segundo Mesa-Lago: “La distribución porcentual de las exportaciones demuestra una mayor diversificación. La histórica dependencia en el azúcar ha desaparecido, pero a un alto precio: la participación de la misma en las exportaciones totales cayó del 81% al 5% en el período, lo cual ocurrió principalmente a partir de la reestructuración de la industria en el 2002. Se redujeron a la mitad las siembras de caña y los molinos de azúcar, por lo que la producción cayó un 86% junto a las exportaciones. La contracción drástica de la participación azucarera tuvo como efecto un aumento proporcional de las otras participaciones. El valor de las exportaciones de tabaco también descendió, aunque sólo el 14% en el período 1958-2007; sin embargo, aumentó al doble durante el Período Especial, parte por incrementos moderados en la producción pero también por el alza del precio mundial de los puros cubanos. El éxito mayor es la ampliación de la participación de los minerales (principalmente níquel) del 6% al 57% en las exportaciones totales. Esto resulta de un aumento substancial de la producción de níquel en el período (aunque estancada desde 2001) y, especialmente, del salto del precio mundial de ese metal en los años 2006-2007. No obstante, dicho precio cayó un 81% en el 2008 y probablemente caerá más en el 2009, por lo que la participación del níquel disminuirá este año. La exportación de otros productos se elevó un 433% en el período, especialmente pescados, mariscos, cítricos, otras frutas y ron pero, debido a la caída en la producción en todos ellos durante el Período Especial, su participación descendió; su puesto lo tomaron los fármacos y el cemento a pesar de la severa contracción en su producción interna” (2009, p. 50).

Quadro 4 – Comércio Exterior – Intercâmbio de mercadorias
(continentes e países)

PAÍSES	2000	2001	2002	2003	2004
México	337.815	315.955	229.352	236.293	266.213
EUROPA	2.809.742	2.756.592	2.329.014	2.500.473	2.709.425
Alemanha	198.723	119.486	96.955	140.633	154.190
Espanha	893.338	837.303	724.920	773.443	819.138
Rússia	435.877	486.420	352.899	191.168	195.558
França	332.287	331.626	262.448	224.695	187.343
Holanda	202.502	400.861	360.888	485.789	695.960
Itália	330.800	308.316	294.648	347.567	285.391
ÁSIA	988.489	1.034.959	997.086	1.073.636	1.251.185
China	524.301	622.231	592.852	583.501	670.439
Japão	111.102	110.283	95.970	127.803	185.797
Vietnã	48.957	59.432	69.204	80.805	146.946
Outros	153.240	119.261	83.400	109.334	113.494
ÁFRICA	37.492	36.002	35.950	102.974	77.539
Argélia	820	1.305	9.015	78.077	66.807
AMÉRICA	2.630.128	2.525.780	2.186.765	2.632.961	3.852.516
Argentina	77.184	80.517	40.752	44.592	117.808
Brasil	151.390	164.578	117.558	128.026	223.318
Canadá	589.019	592388	455.131	506.940	754.986
EUA	0	4.414	173.615	327.252	443.900
Venezuela	912.409	973.4123	744.748	875.714	1.509.776
TOTAL	6.470.872	6.415.126	5.609.818	6.360.780	7.947.316

Comércio Exterior – Intercâmbio de mercadorias (continuação Quadro 4).

PAÍSES	2005	2006	2007	2008	2009	2010
TOTAL	9.763.702	12.422.448	13.764.875	17.898.251	11.769.014	15.244.542
EUROPA	2.868.169	3.878.398	3.557.874	3.978.210	2.759.308	3.020.771
Alemanha	329.505	639.876	395.989	404.658	308.981	296.538
Espanha	828.459	1.016.533	1.154.838	1.427.275	906.336	946.907
Rússia	189.815	288.772	362.358	324.706	283.129	284.814
França	217.459	249.742	235.120	272.634	185.886	297.900
Holanda	647.139	855.977	526.599	386.208	306.104	420.614
Itália	304.105	434.481	415.196	552.023	353.263	331.187
ÁSIA	1.771.572	2.715.691	3.566.082	3.760.439	2.491.965	2.787.735
China	996.289	1.815.101	2.446.404	2.157.898	1.687.508	1.900.707
Japão	259.829	183.254	236.895	162.593	94.201	86.347

Vietnã	252.329	192.243	283.949	516.566	279.179	268.939
Outros	80.970	113.821	109.067	161.480	108.916	68.220
ÁFRICA	166.720	246.257	300.702	578.513	421.022	409.737
Argélia	143.391	229.839	234.349	248.131	170.613	214.139
AMÉRICA	4.885.194	5.515.126	6.250.292	9.450.137	6.083.009	8.976.926
Argentina	160.884	115.668	150.407	140.021	144.804	146.835
Brasil	352.202	453.011	446.380	641.820	570.964	501.409
Canadá	777.796	896.985	1.399.689	1.412.400	741.328	971.820
EUA	476.311	483.591	581.657	962.767	598.212	410.756
Venezuela	2.265.191	2.641.210	2.693.639	4.887.004	3.135.490	6.027.679
México	289.517	274.361	219.678	383.304	337.280	380.558

Fonte: ONE, Anuário Estadístico de Cuba, 2010.

Tal quadro revela, em primeiro lugar, a desconcentração do intercâmbio comercial cubano, modificando um padrão que esteve presente ao longo da história do país. No século 20 EUA e, posteriormente, a URSS, concentraram mais de 60% do comércio exterior do país, o que acentuou a dependência e a fragilidade da economia cubana, pois em tal relação o açúcar tornou-se o grande produto de exportação nacional e determinou, em grande medida, a estruturação das atividades econômicas. A desconcentração revela a diversificação de parceiros, com o intercâmbio sendo desenvolvido com todas as regiões do planeta e a existência de vários parceiros comerciais. Tal dado é interessante e já havia sido assinalado por Mesa-Lago: “Un avance notable es la reducción en un 68% de la concentración del comercio exterior con un socio predominante: aumentó del 62% con los EE.UU. en 1958 al 65% con la URSS en 1989 (72% en 1987) pero, luego de la crisis, descendió al 20% con Venezuela en el 2008” (2009, p. 51). Desta forma, se ao longo do século 20 a economia cubana era excessivamente dependente de um sócio comercial – não por acaso as duas superpotências –, neste novo século a liderança cubana parece ter aprendido a lição e não repetiu tal erro que fragilizava sua atuação e, inclusive, repercutia na política interna. Em suma, a economia (e a política) já não está extremamente dependente de um sócio comercial (e político), o que garante maior autonomia e independência no desenvolvimento da política interna.

Outro dado fundamental refere-se à diversificação de parceiros e uma política de relações econômicas globais.

Em relação aos continentes, pode-se observar um maior intercâmbio com a América (mais de 50% em 2010), seguida de Europa (cerca de 30%) e Ásia (em torno de 15%); somente as relações com o continente africano são reduzidas no balanço geral e insignificantes com a Oceania.¹⁶ Ou seja, por meio da análise do comércio exterior podemos constatar a perspectiva globalista da política externa cubana desde a ascensão do processo revolucionário.

Uma análise preliminar das relações comerciais em cada continente confirma a diversificação das parcerias.

Na América, a relação com a Venezuela, nos marcos da Aliança Bolivariana das Américas (ALBA) e do intercâmbio baseado na relação petróleo-serviços assume uma dimensão importante (cerca de 40% do volume total), mas longe da concentração existente em outros momentos. Tal parceria é reforçada pela convergência nos planos geopolítico, ideológico e diplomático, que escapam ao objetivo deste trabalho, indicando, no entanto, uma dependência da permanência de Chávez (ou chavistas) no poder. Além disto, no continente americano deve-se destacar também a participação significativa do Canadá, o aumento constante do intercâmbio comercial com Brasil e México, revelando o estabelecimento de laços comerciais com Estados que têm certa ascendência econômica na região e procuram desempenhar um papel relevante na política internacional. Desta forma, pode-se afirmar que tal intercâmbio comercial, além de contribuir para a recuperação econômica da ilha caribenha, fornece laços políticos e diplomáticos fundamentais para o ativismo global da diplomacia cubana.

¹⁶ Como afirma Serbin (2011): “De esta forma, se han dado pasos importantes en el relanzamiento de relaciones con la Unión Europea y la comunidad internacional; se han fortalecido las relaciones sur-sur, en particular con dos importantes pivotes regionales: Venezuela y Brasil, y se han reestablecido relaciones armónicas con el gobierno de México, tras la ruptura diplomática (la primera en 45 años) generada durante la administración de Vicente Fox Quezada. Además, existe un interesante acercamiento de Cuba con China y Rusia, países que a través del fortalecimiento de sus relaciones estratégicas con Venezuela, han logrado triangular perspectivas de negociación benéficas para Cuba en materia energética y militar” (p. 225).

Em relação à Europa, deve-se destacar o incremento das relações comerciais com a Espanha, Rússia e Holanda. No primeiro caso, as relações comerciais são significativas e estão amparadas nos laços históricos e culturais que unem estas nações, embora a variação indique a existência de tensões que podem afetar o intercâmbio comercial, dependendo da relação política entre os governos. No caso da Rússia, o comércio, embora não retomando os padrões anteriores ao período da guerra fria, parece indicar a reconstrução de laços econômicos significativos, tensos ao longo dos anos 90, e uma convergência de interesses na busca de construção de uma ordem multipolar que atende a interesses específicos: no caso cubano, a diversificação de parcerias e a possibilidade de renovação de sua tecnologia, principalmente no âmbito militar; no caso russo, uma retomada das relações com a América Latina que se fundamenta em três parcerias: Cuba, Venezuela e Brasil (Serbin, 2011). Por fim, no que se refere à Holanda, somente estudos aprofundados poderão apontar o significado deste intercâmbio, mas certamente laços históricos e a condição portuária do país europeu podem ser fatores explicativos.

Por fim, no que se refere à Ásia, o incremento das relações comerciais com a China é evidente, confirmando a diversificação das parcerias e sua relevância, diante do papel desempenhado por este país no comércio internacional contemporâneo. Também neste caso, tal relação na esfera econômica é impulsionada pela convergência de interesses em outras esferas.¹⁷

¹⁷ Como observa Serbin: “En este marco, las relaciones bilaterales entre ambos países, como apunta Malamud, se apoyan en tres ejes fundamentales – el político, el económico y el estratégico. Cuba obtiene partido del apoyo político y económico chino, mientras que China se beneficia de la inteligencia sobre los Estados Unidos que obtiene del gobierno cubano. En este sentido, China tiene en Cuba un buen punto de observación (quizás el único en la región) para vigilar a los EE.UU. Por otra parte, China apoya, a través de diferentes mecanismos de cooperación, la educación, la explotación petrolera, la minería del níquel, el desarrollo tecnológico y la infraestructura de transporte cubano. En este marco, la relación es compleja en función de la combinación de los tres factores, pero mucho más intensa que con otros países de la región, en función de una estrategia regional de China que, sin embargo, tiene objetivos mucho más amplios” (2011, p. 229).

Desta forma, a China se tornou o segundo parceiro comercial de Cuba, sendo que esta fornece açúcar e níquel (principalmente) enquanto adquire do país do Extremo Oriente produtos manufaturados, equipamentos de transporte, além de turismo e investimentos em extração de níquel e petróleo, bem como no desenvolvimento de biotecnologia. Para a China, Cuba pode oferecer elementos para a inserção regional ampla, como a experiência na relação com os EUA e a inserção regional (Serbin, 2011). Apesar disto, devem ser levados em consideração os interesses globais chineses e os custos da relação comercial Cuba-China, porém as perspectivas parecem indicar um aprofundamento dessa parceria.

Como já mencionado, nesta estratégia de diversificação de parcerias as relações comerciais de Cuba ainda são frágeis com a África e a Oceania. No primeiro caso, apesar dos laços históricos e políticos com alguns países da região, as trocas comerciais sofrem o problema da similaridade e não da complementação, ou seja, há uma coincidência das necessidades comerciais neste momento histórico. Em relação ao segundo, as distâncias física e política parecem ser determinantes para a insignificância da relação comercial.

Desta forma, analisando o quadro comercial desta primeira década, podemos constatar que China, Venezuela, União Europeia e Canadá, fundamentalmente, contribuíram para a recuperação econômica do país e sua estratégia de diversificação de parceiros. Além destes, deve-se considerar as potências emergentes como Rússia, México e Brasil, como parceiros importantes. Somente uma análise mais ampla que leve em conta outros fatores econômicos (como investimentos, cooperação, dívida...) e políticos poderá captar as potencialidades e os limites de tais relações.

Conclusões

As duas últimas décadas condensaram a história cubana do século 20, com seus riscos e potencialidades. Isto porque, ao se desfazer a aliança e apoio dos parceiros tradicionais do bloco socialista, Cuba teve de enfrentar um duplo

desafio: no âmbito interno, evitar a estagnação e o colapso econômico, com todos os problemas e demandas a eles associados; na esfera internacional, reconstruir seu sistema de relações internacionais, buscando novas parcerias.

Como demonstramos ao longo deste artigo, a política externa cubana manteve os elementos tradicionais (globalismo, ativismo, multipolaridade, entre outros) e incorporou novos aspectos para responder ao novo contexto internacional e seus desafios.

Desta forma, o país procurou, no âmbito econômico, reconstruir seu setor externo tendo como lógica fundamental uma política de diversificação de parceiros comerciais. Tal política, desenvolvida ao longo das duas últimas décadas, teve uma relativa eficácia. O país conseguiu impulsionar o crescimento do setor externo que, embora não tenha recuperado os níveis dos anos 80, manteve uma tendência de crescimento, acentuada nos últimos anos, indicando a recuperação econômica.

O principal objetivo, no entanto, parece ter se constituído na diversificação do intercâmbio comercial, e outras parcerias, que fornece ao país maior autonomia e possibilidades neste novo século. Como mencionamos, pela primeira vez em sua história independente o comércio exterior cubano não está concentrado e, portanto, dependente de um único parceiro comercial (no passado, EUA e URSS). Ou seja, há um intercâmbio comercial com países de todos os continentes, tanto em importação quanto em exportação, embora no caso africano o volume seja menor. Finalmente, há parceiros comerciais que certamente transformam-se em aliados políticos e outros cujo comércio está restrito a estes aspectos.

Tal diversificação parece contemplar os objetivos almejados pela liderança cubana, ressaltados pela transição liderada por Raúl Castro. Embora seja necessário aprofundar os elementos que caracterizam o comércio bilateral, com um estudo detalhado do perfil das importações e exportações para cada parceiro comercial, das tendências e desafios para a continuidade e o aprofundamento destas, o que deve ser objeto para futuras análises, podemos constatar que a recuperação econômica e a reinserção internacional, apesar de permanecerem como desafios, parecem ter encontrado um roteiro adequado.

Referências

- ALMENDRA, C. C. A situação econômica cubana diante da queda do Leste Europeu. In: COGGIOLA, O. *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Ed. Xamã, 1998.
- ALZUGARAY TRETO, C. La política exterior de Cuba en la década de 90: intereses, objetivos y resultados. *Política Internacional*, La Habana, vol. I, n. 1, p. 14-32, enero-julio 2003.
- ALZUGARAY TRETO, C. Reflexões sobre o presente e o futuro político de Cuba nos albores do século XXI – uma abordagem a partir da ilha. In: *Relações Internacionais*, Lisboa: Ipri, p. 89-104, mar. 2007.
- AYERBE, L. F. *A Revolução cubana*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- AYERBE, L. F. (Org.). Cuba, Estados Unidos y América Latina frente a los desafíos hemisféricos. Barcelona; Buenos Aires: Icaria; Cries, 2011.
- BANDEIRA, L. A. M. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- BANDEIRA, L. A. M. Cuba: do socialismo dependente ao capitalismo. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, vol. 39, n. 1, 1996.
- CASTRO, F. Informe al V Congreso del PCC. *Periódico Granma*, Havana, 29-10-1997, suplemento especial.
- CEPAL. *La economía cubana*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- COGGIOLA, O. *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Ed. Xamã, 1998.
- DOMÍNGUEZ, J. I. Cuba en las Américas: ancla y viraje. *Foro Internacional*, Ciudad de México, vol. XLIII, n. 3, 265 p., julio-septiembre, 2003.
- DOMÍNGUEZ, J. Cuba, 1959-1990. In: BETHELL, Leslie. *História de América Latina*. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1998.
- DOMÍNGUEZ, J. I. La política exterior de Cuba y el sistema internacional. In: TULCHIN, Joseph; ESPACH, Ralph. *América Latina en el nuevo sistema internacional*. Barcelona: Bellaterra, 2004. p. 255-286.
- FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- GÓMEZ, Gonzáles. Relaciones Cuba-EUA: los enemigos más cercanos en el umbral del siglo XXI. *Política Internacional*, La Habana, v. 1, n. 1, p. 33-46, ene./jul. 2003.

LÓPEZ SEGRERA, Francisco. *Cuba cairá?* Petrópolis: Vozes, 1995.

MESA-LAGO, C. Hacia una evaluación de la actuación económica y social en la transición cubana de los años noventa. In: *América Latina Hoy*, Salamanca, n. 18, p. 19-39, marzo 1998.

MESA-LAGO, C. Balance económico-social de 50 años de Revolución en Cuba. In: *América Latina Hoy*, Salamanca, n. 52, p. 41-61, 2009.

MORÁLES DOMINGUEZ, E. Cuba – EUA: las esencias de una confrontación. *Cuadernos de Nuestra América*, La Habana, vol. XVII, n. 33, p. 165-188, enero-julio 2004.

NUÑEZ, Gerardo. Las relaciones Cuba-Caribe: cambios y continuidades en los años 90. *Texto y Contexto*, Santa Fé, Colômbia, n. 24, mayo/ago. 1994.

NYE, J. *O paradoxo do poder americano*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002.

ONE. Oficina Nacional de Estadística. *Anuário Estadístico de Cuba*. Havana: ONE, 2010.

PISANI, M. E. *Política exterior de la revolución cubana*. La Habana: Ciencias Sociales, 2002.

RIVEREND, Julio Le. *Cuba: do semicolonialismo ao socialismo, 1933-1975*. In: CASANOVA, Pablo G. *América Latina: história de meio século*. Brasília: UNB, 1990. p. 59-115.

ROJAS, M. *Cuba 1992: o ano mais duro da revolução*. Niterói: Arte e Cultura, 1993.

SÁNCHEZ-PARODI, R. Raízes e atuação da política externa cubana. In: *Política Externa*, São Paulo, vol. 7, n. 2, p. 153-167, 1998.

SADER, E. *Cuba: um socialismo em construção*. Petrópolis: Vozes, 2001.

SALAZAR, L. S. *El siglo XXI: posibilidades y desafíos para la revolución cubana*. La Habana: Ciencias Sociales, 2000.

SALAZAR, L. S. *Cuba: ¿aislamiento o reinserción en un mundo cambiado?* La Habana: Ciencias Sociales, 1997.

SERBIN, A. Círculos concéntricos: la política exterior de Cuba en un mundo multipolar y el proceso de “actualización”. In: AYERBE, L. F. (Org.). *Cuba, Estados Unidos y América Latina frente a los desafíos hemisféricos*. Barcelona; Buenos Aires: Içaria; Cries, 2011.

Recebido em: 12/3/2013

Aceito em: 8/6/2013